

## ARTIGO

### **“EXPRESS YOURSELF!”:**

### A SINGULARITY UNIVERSITY E O ROMANTISMO RADICAL DA EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA

ALEXANDRA DIAS FERRAZ TEDESCO

Prof<sup>ª</sup>. Adjunta do Departamento de História da Universidade  
do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Email: [alexandra.tedesco@gmail.com](mailto:alexandra.tedesco@gmail.com)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7840-5014>

**RESUMO:** O artigo discute a emergência de um projeto educacional chamado “Singularity University”. Inicialmente criado no Vale do Silício, ele compreende um conjunto de pressupostos teóricos e procedimentais que, baseados na chamada “tecnologia exponencial” procuram criar um novo modelo de ensino superior, alinhado aos princípios do universo tecnológico. Abordo os principais componentes do ethos intelectual que compõe o projeto, as profecias de futuro que embasam a literatura sobre o tema e, finalmente, a vinda da Singularity para São Paulo, com atenção para os efeitos que essa vinda tem na vida intelectual da cidade e, sobretudo, para os impactos desse novo modelo educacional no debate público sobre o papel da universidade e dos intelectuais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Universidade; Ensino Superior; Neoliberalismo; Tecnologia.

## **“EXPRESS YOURSELF!”:**

### THE SINGULARITY UNIVERSITY AND THE RADICAL ROMANTICISM OF ENTREPRENEURIAL EDUCATION

**ABSTRACT:** This paper discusses the emergence of an educational project called “Singularity University”. Initially created on Silicon Valley, it comprises a set of theoretical and procedural assumptions that, based on the so-called “exponential technology”, aims to create a new model of higher education, aligned with the principles of the technological universe. In this research, I approach the main components of the intellectual ethos that makes up the project, the prophecies of the future that support its literature and, finally, the arrival of Singularity for São Paulo, with special attention to the effects that this coming has on intellectual life of the city and, above all, for the impacts of this new educational model in the public debate about the role of the university and intellectuals.

**KEYWORDS:** Public University; High School education; Neoliberalism; Technology.

Recebido em: 04/11/2021

Aprovado em: 15/02/2022

DOI: <http://dx.doi.org/10.23925/2176-2767.2022v75p284-310>



Em 2018, uma instituição então razoavelmente desconhecida no Brasil, a Singularity University, sediada no Vale do Silício, na Califórnia, lançou um curioso conjunto de previsões. Detalhado ano a ano, o documento compreende um espaço de duas décadas. Dentre as previsões encontram-se, por exemplo, conversas com inteligência artificial e o uso de robôs no dia a dia em 2018; Internet 5g em velocidades de conexão de 10 a 100 GB para dispositivos móveis, diagnósticos médicos baseados em I.A. e carros voadores nas grandes cidades em 2020; 100.000 pessoas transitando entre Los Angeles, Tóquio, São Paulo e Londres em veículos de decolagem e aterrissagem vertical em 2026; popularização de robôs avatares e eliminação de todos o trabalho manual e interações repetitivas em 2032 e, finalmente, no ano de 2038, “o dia a dia já não é mais reconhecível - a realidade virtual e inteligência artificial alavancam todas as partes da vida humana no mundo inteiro”.<sup>1</sup>

Imaginar o futuro não é exatamente uma excepcionalidade do que Dardot e Laval (2016) chamaram de “a nova razão do mundo”. Ao contrário, não são poucas as profecias que mesclaram ciência, tecnologia e emancipação ao longo da história. O que distingue o documento publicado em 2018, para além de sua vertiginosa acumulação de imagens projetivas? Mais do que isso, o que esse conjunto de previsões informa sobre a crítica da universidade e do “ethos” intelectual de modelo tradicional? A pergunta não é trivial, já que a ideia, neste artigo, não é julgar a validade de fazer previsões, muito menos seu eventual acerto, mas sim situar essa literatura dentro de uma tensão entre distintos modelos de adquirir e professar as marcas de cultura (BOURDIEU, 2010)<sup>2</sup>. O objetivo deste texto é contextualizar a profecia de futuro a partir do que ela informa sobre os modelos institucionais em debate na muito mencionada “crise da universidade”, alocando o surgimento de fenômenos como a Singularity dentro de um objeto mais modesto, a saber, impacto dessa futurologia na composição de novas modalidades de ensino e circulação de conhecimento.

---

<sup>1</sup> O conjunto das previsões pode ser encontrado online em <https://economia.estadao.com.br/blogs/radar-do-emprego/futuro-com-robos-e-quais-empregos/>. Acessado em 6 de setembro de 2020.

<sup>2</sup> Para Bourdieu (2010), essas modalidades de aquisição culturais se sedimentam historicamente no indivíduo, circunscrevendo seus possíveis e suas atitudes pré-reflexivas e conformando, assim, um ethos. Nesse sentido, o termo ethos será empregado, ao longo do argumento, para referir-se ao conjunto das disposições duráveis (habitus) que posicionam os sujeitos, relacionalmente, no mundo social.

De saída, é importante dizer que a Singularity University não é um projeto isolado. Trata-se de um conjunto de operações que, desde 2010, reúne alguns dos maiores futurólogos do Vale do Silício, bem como diversas start-ups. “Singularity”, nesse sentido, é a própria realização de um futuro que germina nesse espaço de inovação. Nos termos de um dos fundadores, o futurólogo Ray Kurzweil, ela “refere-se à ideia de que a aceleração tecnológica levará a uma máquina de inteligência sobre-humana que em breve excederá a inteligência humana, provavelmente até o ano de 2030” (2003, p. 123)<sup>3</sup>. Seu braço educacional, portanto, nada mais é que um modo de treinar líderes para essa nova realidade que estaria se instaurando. Essa iniciativa se baseia na ideia de que, se o desenvolvimento tecnológico das próximas décadas se dará de modo exponencial, é preciso investir também em um “pensamento exponencial”, emancipado do tempo lento da ciência tradicional e da factibilidade dos procedimentos normais de compartilhamento do saber, vistos como demasiado verticais, hierárquicos e, por isso, ineficientes. A concepção “linear” de ciência, baseada na ideia de que ela é um processo cumulativo e de elaboração coletiva, não daria conta, segundo esse ponto de vista, de preparar os líderes do futuro, que terão de lidar com um mundo que se modifica numa velocidade maior do que as nossas agendas de pesquisa, e nossos cerebelos, podem acompanhar. Tudo se passa como se os “rompimentos de paradigma” aos quais se referia Thomas Kuhn (1998) se tornassem a própria dinâmica “normal” do desenvolvimento do conhecimento, e não houvesse mais tempo hábil para o amadurecimento, o desgaste ou mesmo a crise de um ou outro paradigma.

Quero argumentar que projetos como o da Singularity University disputam com a universidade um mesmo coeficiente de legitimidade na esfera pública, de modo que não parece razoável simplesmente ignorar o aparecimento de plataformas alternativas de legitimidade científica, sobretudo quando elas vêm associadas à um conjunto de atitudes, lições de vida e, até mesmo, predições existenciais. Não nos serve, sucintamente, imaginar que essas são oscilações passageiras num mar calmo no qual as universidades existem de modo natural. Projetos como a Singularity

---

<sup>3</sup> Todas as traduções são minhas daqui em diante, e os originais estão em nota de rodapé. “it refers to the idea that accelerating technology will lead to superhuman machine intelligence that will soon exceed human intelligence, probably by the year 2030” (2003, p. 123).

University, em síntese, reatualizam a ideia de que o “novo conhecimento” não virá das nossas antigas estruturas universitárias, vistas como burocratizadas e antiquadas, mas de uma relação pessoalizada com o conhecimento, organizada a partir de valores como a iniciativa individual, a personalidade curiosa e, sobretudo, a adesão a estratégias de risco<sup>4</sup>. Definido à imagem e semelhança dos valores de um neoliberalismo tecnológico, esse corolário ajuda a perceber como não se trata de uma crítica vazia ao conhecimento de modo geral, mas de uma proposta de reorganização do espaço universitário a partir dos moldes necessários à economia de serviços digitais. Estruturada em programas rápidos, como a imersão de 3 dias, os pequenos cursos, dados todos em inglês, pretendem envolver os estudantes na solução de problemas como a fome no mundo e a pobreza a partir do recurso ao “pensamento exponencial” e do uso de tecnologias aplicado à solução das questões sociais. A ideia é que seja uma reflexão rápida – *no time for losers* – elaborada a partir de especialistas do mundo prático: nada mais refratário à noção de “teoria”, que parece responder pela transformação de nossa energia criativa em pesadas e inúteis teses de doutorado. Nos termos de Peter Diamandis, cofundador do projeto da Singularity University, “Uma tese de doutorado típica enfoca um tema tão obscuro que poucos conseguem decifrar seu título, menos ainda seu conteúdo. Embora tal minúcia extrema seja importante para a especialização (...) também criou um mundo onde as melhores universidades raramente produzem pensadores integrativos e macroscópicos” (DIAMANDIS, 2012, p. 81). Trata-se de atualizar certo apelo ao mundo “autêntico” que passa, como quero demonstrar, pela reativação de uma versão funcional da ideia de “personalidade”.<sup>5</sup> Nos termos de Dardot e Laval (2016), importa observar a “dimensão antropológica do homem empresa”, sobretudo no privilégio que confere a uma dimensão agônica do sujeito, baseada na competição e na rivalidade. Tal “dimensão antropológica”, quando compreendida a partir das críticas feitas ao sistema

---

<sup>4</sup> O conceito de risco é um dos grandes organizadores da literatura sobre tecnologia e sobre o tema das start ups. Em “Upstarts”, de B. Stone, por exemplo, o risco aparece associado ao desapego e à juventude, valores fundamentais da cultura do Vale do Silício. O risco, nesse sentido, nunca termina, torna-se um ambiente de vida normal (STONE, 2017).

<sup>5</sup> A ideia de uma Bildung liberal, que pudesse somar o humanismo do conceito de liberdade radical com o pragmatismo das escolhas individuais, não nasce nos anos 1980, com o avanço do chamado neoliberalismo. Suas origens podem ser encontradas ainda nas primeiras décadas do século XX, como sugerem as investigações acerca da fundação da Sociedade Mont Pèlerin, ainda nos anos 1940. Sobre esse tema, consultar: MIROWSKI, P. PLEHWE, D, 2009.

de ensino tradicional, ajuda a perceber a centralidade do conceito de pessoa no universo do mercado (SCHUTZ, 1994). O “elemento humano”, que se coloca contra a impessoalidade, lastreia o projeto da Singularity e a irmana a uma série de críticas ao mundo burocratizado, legado das aspirações emancipatórias baseadas na ciência impessoalizada, e no qual se encontra, precisamente, a Universidade. É nesse sentido que a ideia de uma “crise” da universidade em seu formato tradicional é assumida como pressuposto de projetos como os da Singularity.

A alegada “crise da universidade”, entendida por seus críticos como uma instituição presa ao modelo escolástico do século XIX e incapaz, por isso, de assumir seu papel num mundo em constante transformação, encontra-se com uma hostilidade mais difusa, perceptível em vários níveis da esfera pública, e que diz respeito a um processo mais amplo de descredibilização. Para Readings (1997), em substituição ao papel da universidade – e sobretudo das ciências humanas – durante o século XIX e parte importante do século XX, a saber, colaborar com o Estado Nação e com a formação de um corpo de cidadãos, as instituições universitárias contemporâneas não encontram uma fórmula simples para justificar sua existência e seu financiamento. No contexto atual, o discurso da excelência substitui o da utilidade para o Estado Nação, de modo que não se trata apenas de pensar a universidade como se fosse uma cooperação: para o autor, a universidade contemporânea é, efetivamente, uma corporação (READINGS, 1997, p. 22). Esse diagnóstico de crise é acompanhado também por Donoghue (2008), que aborda o efeito da diminuição dos postos efetivos na instauração de uma lógica de competitividade e por Ruth Barcan (2016) que, focando-se nos casos inglês e australiano, aborda o processo através do qual a Universidade vai de benemérita do Estado à estratégia de *improvement* individual<sup>6</sup>. Nos termos da autora,

No modelo corporativo, o vocacional é remodelado e redirecionado para servir a empresa ou, mais recentemente, a ‘marca’. Nas formas mais recentes de vocacionalismo corporativo, a expectativa não é tanto que a pessoa espouse seu trabalho como o homem da

---

<sup>6</sup> O artigo *Embodiment, academics, and the audit culture: a story seeking consideration*, de Andrew Sparkers (2017), oferece, sob uma perspectiva narrativa semi-ficcional, um retrato da vida docente no escopo das demandas contraditórias exploradas por Barcan (2016)

organização, mas que o trabalho permita que ela expresse seu eu interior e criativo (BARCAN, 2016, p. 80).<sup>7</sup>

Mas, se a universidade, de modo geral, vem se tornando cada vez mais uma corporação, falando a linguagem dos rankings e se adaptando às demandas da visão de mundo neoliberal, por que ela estaria, ainda assim, em crise? Chris Lorenz (2014) oferece uma pista quando aborda os efeitos da implantação do *New Public Management* nas práticas acadêmicas: decomposição e desprofissionalização. Isso ocorre porque os critérios exteriores, que são os critérios do mercado, retiram da universidade uma prerrogativa fundacional de sua identidade: o controle pelos pares. Por isso, a desprofissionalização seria consequência lógica de um processo de perda de autonomia mais amplo. Em seus termos:

Em última instância, o NPM transferiu o poder das profissões de determinar seus próprios critérios de avaliação para um número muito pequeno de corporações baseadas principalmente nos EUA e no Reino Unido que produzem os dados para rankings universitários. Para as humanidades, isso é uma notícia muito ruim porque as humanidades pouco importam para essas corporações. O típico “produto” das humanidades – a monografia, principalmente – não aparece em seus “indicadores de produção” (LORENZ, 2014, p. 23).<sup>8</sup>

O diagnóstico de Lorenz é compartilhado por Davies e Bansel (2005), que destacam a relação entre a carência de fundos e a competitividade, por Burrows (2012), dedicado a compreender a relação entre os índices de produtividade a desprofissionalização do Ensino Superior, por Giroux (2002), crítico da comercialização de si que, no neoliberalismo, envolve também as escolhas estudantis, e por Michael Power (1997), que diagnostica na cultura de auditoria o fim de uma “sociedade da confiança”, na qual está amparada a própria dinâmica da pesquisa científica. Na síntese desses diagnósticos, poderíamos localizar, com Barcan (2016), um conflito de expectativas ou, nos termos da autoria, um encontro de demandas contraditórias: por um lado, a

---

<sup>7</sup> In the corporate model, the vocational is refurbished and redirected towards serving the company or, more recently, the ‘brand’. In the newer forms of corporate vocationalism, the expectation is not so much that one will be married to one’s job like the organization man as that the job will allow one to express one’s inner, creative self (BARCAN, p. 80).

<sup>8</sup> In the last instance NPM has moved the power of the professions to determine their own criteria of evaluation to a very small number of mainly US- and UK-based corporations that produce the data for university rankings.<sup>53</sup> For the humanities this is very bad news because the humanities hardly matter for these corporations. The typical “output” of the humanities – the monograph, especially – does not show up in their “output indicators” (LORENZ, p. 23).

universidade entendida como uma prestação de serviço, adaptada à linguagem do mundo empresarial e orientada a partir dos critérios de excelência e utilidade e, por outro, remanescências de um projeto de universidade mais autônomo, orientado por expectativas e por auto-imagens mais diretamente relacionadas à ideia de preservação da cultura e de um espaço de crítica. Mas, se essa contradição é estruturante da relação tensional que as universidades mantêm com o mercado de ensino superior, será possível fundar um tipo de novo de universidade, mais aproximado às demandas do mercado e desconectada do que seus detratores consideram o “peso da tradição escolástica”? Efetivamente, tentativas não faltam, e a Singularity é apenas uma delas.

O crescimento de universidades privadas, muitas de origem confessional, cursos de empreendedorismo oferecidos por instituições consagradas e até mesmo thinktanks poderosos que vêm transformado a noção de intelectual público com ruidosos vídeos no youtube, têm sido objeto de pesquisas importantes (SHARON, 2001; COLLINI, 2017; HAUCK, 2017; HOFSTADTER, 2012, SMITH, 1991, HAUCK, 2017, STAHL, 2016). No caso do Brasil, essa literatura também vem se incrementando (ITO e SECCHI, 2016, MICHETTI, 2017, ONOFRE, 2018). Amparada por esses debates, esta investigação sobre a Singularity está dividida em três partes, às quais correspondem três procedimentos metodológicos distintos. Inicialmente, no intuito de delinear certo “ethos” do Vale do Silício que se encontra na base da proposta da Singularity, abordarei a trajetória intelectual dos fundadores do projeto, Peter Diamandes e Ray Kurzweil, com destaque para a relação entre suas obras de divulgação do “pensamento exponencial” e a crise do modelo clássico à qual atribuem a estagnação da produção de conhecimento. Num segundo momento, abordo especialmente a vinda da Singularity para São Paulo. Nesse caso, dedico-me a pensar as políticas de recrutamento docente com uma análise dos currículos dos professores somada ao posicionamento da instituição no ecossistema do ensino superior da cidade. Por fim, dimensiono os desafios que o projeto da Singularity oferece, sobretudo no que diz respeito à valorização de um novo tipo de “atitude intelectual”, ágil e adaptada ao mundo do trabalho, condensada na ideia de “risco”.



## O Vale do silício como um modo de vida

Peter Thiel, fundador do Paypall, ensina, em seu livro sobre o Vale do Silício, que “Os humanos não decidem o que construir escolhendo em algum catálogo cósmico de opções previamente apresentadas. Pelo contrário, ao criarmos novas tecnologias, reescrevemos o plano do mundo” (2014, p.08). A invenção é uma imposição do futuro. Essa ideia irmana o livro de Thiel a uma série de outros da tradição do autodesenvolvimento, que abordo na sequência, e que tem como mote a crítica do mundo estável (considerado estático) e o estímulo a um comportamento de risco, que só pode acontecer em um cenário despojado de grandes hierarquias burocráticas.<sup>9</sup> Diante de uma profecia de futuro marcada pela hibridização entre tecnologia e natureza humana, é preciso forjar um tipo específico de personalidade, adaptada à essa nova realidade que se impõe com velocidade acelerada.

Por onde começar? John Rawls terá de ser substituído nos departamentos de filosofia. Malcolm Gladwell precisa ser persuadido a mudar suas teorias. E os pesquisadores da opinião pública precisam ser expulsos da política. Mas os professores de filosofia e os Gladwells do mundo estão aferrados aos seus hábitos, sem falar nos nossos políticos. É difícil fazer mudanças nesses campos apinhados, mesmo com cérebros e boas intenções. Uma startup é o maior empreendimento sobre o qual você pode ter domínio definido. Você pode ter influência não apenas sobre sua própria vida, mas sobre uma parte pequena e importante do mundo. Tudo começa rejeitando a tirania injusta do Acaso. Você não é um bilhete de loteria” (THIEL, 2014, p. 102).

A adesão a estratégias de risco, que não se constroem com as limitações da tradição, da educação formal ou dos cursos sobre Rawls é um mote que aparece na extensa literatura sobre o sucesso, o empreendedorismo e a cultura das *startups*. Antes mesmo que a Google ou a Uber reinventassem, entre outras coisas, a estética do trabalho com tecnologia, uma imensa tradição de livros de autoformação povoa bibliotecas analógicas mundo a fora. É difícil encontrar alguém que nunca tenha se deparado com uma edição, por exemplo, de *Como Fazer Amigos e*

---

<sup>9</sup> Pioneiro de certa animosidade em relação ao mundo intelectual institucional, Hayek chega a afirmar, em “O caminho da servidão”, que as burocracias públicas tendem a desencorajar iniciativas de mudança e aprimoramento. Em campos onde o ganho é também simbólico (BOURDIEU, 2011), a tese de Hayek ajuda a compreender de que modo certa aversão à estabilidade foi sendo coadunada com as ideias matriciais da tradição dos Thinktanks.

*Influenciar Pessoas*, de 1936, ou *Pai Rico, Pai Pobre*, de 1997. Esse imenso campo editorial, responsável por tiragens invejáveis como as mencionadas por Rudiger (1996), oferece um catálogo de obras distintas entre si, mas irmanadas pelo apego à ação individual e aos comportamentos de risco.

Vale ressaltar, antes de descartar o objeto como mero reflexo de uma sociedade obcecada pela lógica do acúmulo de capital, que a maior parte das recomendações que encontramos nessa literatura não diz respeito apenas à uma estratégia de sucesso financeiro. Ao contrário, há um conjunto de prescrições e normatividades que ultrapassam em larga monta a questão financeira. O acúmulo de capital, inclusive, é frequentemente associado a uma posição antiquada diante da vida, sendo o trabalho, o movimento e a autorrealização os verdadeiros ativos dessa economia da auto-dominação. Trata-se, em suma, de acumular experiências e desafios, através dos quais se supõe ser possível enfrentar a imobilidade endêmica que caracteriza as trajetórias de sucesso que se dão em âmbito institucional. Como diz o próprio Thiel:

Ao contrário das pessoas na Costa Leste, que vestem todas os mesmos jeans justos ou ternos risca de giz dependendo de sua atividade, os jovens em Mountain View e Palo Alto vão para o trabalho vestindo camisetas. É um clichê dizer que os que trabalham com tecnologia não se importam com suas roupas, mas se você olhar atentamente essas camisetas, verá os logotipos das empresas para as quais trabalham — e eles se importam muito com elas. O que torna um funcionário de startup instantaneamente distinguível aos de fora é a camiseta de marca ou casaco de capuz que faz com que se assemelhe aos seus colegas. Esse uniforme das startups sintetiza um princípio simples, mas essencial: todos em sua empresa deveriam ser diferentes da mesma maneira — uma tribo de pessoas com ideias afins fervorosamente dedicadas à missão da empresa (THIEL, 2014, p. 153).

Basta uma olhada rápida na imensa literatura de futurologia que embasa o projeto para que percebamos a frequência expressiva da mitologia do “fundador”. Usualmente, os grandes líderes confeccionam sua jornada heroica a partir do abandono do sistema de ensino formal em nome de uma atividade mais livre, arriscada, liberta das amarras burocráticas que a Universidade tradicional impõe. Bill Gates foi o precursor desse imaginário, ainda nos anos 1990, mas a Singularity aprofunda a ideia do autodidata que se liberta heroicamente dos constrangimentos da ciência (e da vida) normal. Conforme salientam Castells e Hals (1994), o amadurecimento de uma cultura tecnológica no Vale do Silício guarda estreitas relações com o

desenvolvimento dos *networks* e dos espaços de sociabilidade, que favorecem a ideia do jovem empreendedor em oposição à versão “quatrocentona” dos milioários de Wall Street.

Um dos personagens fundamentais do imaginário do Vale do Silício é Ray Kurzweil, inventor e futurista nascido em Nova York, em 1948. A lista de campos científicos nos quais atuou ao longo da vida vai desde o reconhecimento ótico de caracteres até o debate sobre o *transhumanismo*. Descrito por si mesmo como uma criança curiosa e inventiva, que sabia desde cedo que teria que reinventar um mundo que comportasse sua criticidade, Kurzweil representa como ninguém o “gênio indomado” da geração nascida imediatamente após o fim da Segunda Guerra.

Em “The Singularity is Near” (2005), Kurzweil dá pistas sobre como a figura do jovem inventor que ele mesmo incorpora se coaduna com a crítica do mundo burocratizado supostamente em vias de desaparecimento. O livro se apresenta como a “história do destino da civilização homem-máquina, destino que viemos a chamar de Singularidade” (2018, p. 25). Esse destino, um lugar-temporal, é descrito por Kurzweil como

Um período no futuro em que o ritmo da mudança tecnológica será tão rápido, seu impacto tão profundo, que a vida humana sofrerá mudanças irreversíveis. Embora nem utópica, nem distópica, essa época irá transformar os conceitos de que dependemos para dar sentido a nossas vidas, desde nossos modelos de negócio até o ciclo da vida humana, incluindo a própria morte. (2018, p. 26).

No futuro singularizado de Kurzweil, a tecnologia cresce em progressão geométrica. Nosso cérebro, contudo, precisa adaptar-se a esse ritmo, já que foi treinado em uma realidade analógica. A “banda biológica” de nossa estrutura cerebral, nesse sentido, não daria conta de processar todas as novas informações que a Singularity engendra. É preciso mais que expandir o conhecimento humano, como quer a ciência normal, é preciso transcendê-lo. Nessa concepção, qualquer iniciativa – seja ela uma empresa de eletrodomésticos digitais ou uma teoria epistemológica – está fadada ao ostracismo imediato se não for capaz de pensar-se a partir de uma projeção futura. Se vivermos, tecnologicamente, 25 mil anos num espaço de 100, podemos compreender que Kurzweil considere inadequadas certas configurações existenciais como as que costumam nos orientar no mundo

analógico. Quando somos apresentados à essa obra, parece automático associá-la à amplamente consolidada literatura de auto-ajuda, na qual o indivíduo aparece como unidade irretudível de toda e qualquer mudança. A crítica do mundo burocrático e “estático”, todavia, é muito mais ambidestra do que alguns gostariam de sustentar. O mundo em que cresceu Kurzweil (1960 e 1970 ´s) foi marcado pela virulência dos discursos anti-institucionais, sobretudo no que diz respeito ao sistema de ensino. Nosso futurólogo não está sozinho na posição de paladino da espontaneidade. Como salienta Gathier:

A crítica esquerdista da educação pública e a preferência por uma infância mais livre, mais natural e centrada no lar continua, como veremos, a repercutir no moderno movimento *homeschooling*. Mais profundamente, a repulsa da contracultura contra a conformidade e o anseio por expressão e autenticidade individuais tornou-se o tropo mais básico da cultura popular. Estamos nadando em slogans publicitários como “obedeça sua sede” e “faça do seu jeito”. O tema é perene em sucessos pop, de “Express Yourself” de Madonna a “Born this Way” de Lady Gaga (GATHIER, 2012, p. 109).<sup>10</sup>

Parte expressiva do repertório de Kurzweil, quero afirmar, também aparece no elogio da espontaneidade que permeia os debates sobre *homeschooling*, desescolarização e crítica da burocracia que unificaram direita e esquerda nos EUA, mas não só, nos anos 1960 e 1970. Hofstadter (2012) destaca, por exemplo, que é impossível desassociar o crescimento dessas atitudes do anti-intelectualismo dos anos 1950 que, reativando antigas raízes protestantes da cultura norte-americana, se proliferaram a partir do Macarthismo e da perseguição à dissidentes do começo da guerra fria. Já nesse contexto, portanto, o “saber prático”, entendido como inteligência, é colocado em oposição à inteligência vista como infrutífera e pouco democrática. A obra de Ivan Illich, “Sociedade sem Escolas”, é um importante lembrete dessa combinação entre individualismo e criatividade que foi gestada a partir da crítica aos processos de centralização do sistema de ensino. Para Illich, a imaginação foi escolarizada, e é preciso recorrer a aprendizagens baseadas na livre iniciativa e na curiosidade dos alunos,

---

<sup>10</sup> The left-wing critique of public education and preference for a freer, more natural childhood centered in the home continues, as we shall see, to reverberate in the modern homeschooling movement. Most profoundly, the counterculture’s revulsion against conformity and longing for individual expression and authenticity has become the most basic trope of popular culture. We are swimming in advertising slogans like “obey your thirst” and “have it your way.” The theme is a perennial favorite of pop hits from Madonna’s “Express Yourself” to Lady Gaga’s “Born this Way.” (GATHIER, 2012, p. 109)

livrando-os da influência castradora da burocracia. “Somente uma geração que cresça sem escolas obrigatórias será capaz de recriar a universidade” (1985, p. 51), afirmou Illich. Rothbard, do ponto de vista liberal, escreve que “cada criança tem uma inteligência, aptidões e interesses diferentes. Portanto, a melhor escolha de ritmo, tempo, variedade e maneira, e os caminhos de instrução diferem amplamente de uma criança para outra” (ROTHBARD, 1999, p. 07),<sup>11</sup> contribuindo para a consolidação da animosidade que unificou posições tão distintas no campo da política em relação à educação pública.<sup>12</sup>

O segundo fundador da Singularity, Peter Diamandis, também tem algo a dizer sobre o tema da excessiva burocratização do mundo. Na obra “O Futuro é melhor do que você imagina”, escrito com Steven Kotler, lemos que o pessimismo é um dos reflexos de um olhar embotado sobre o futuro. A espontaneidade e a criticidade individual são antídotos à estática do mundo,

Uma revolução do Faça-Você-Mesmo (conhecido pela sigla inglesa DIY de Do-It-Yourself), que veio fermentando nos últimos 50 anos, ultimamente começou a crescer. No mundo atual, o alcance dos inventores de fundo de quintal se estendeu bem além de carros personalizados e computadores feitos em casa, e agora chega a áreas antes misteriosas como genética e robótica (2012, p. 22)

A ênfase na responsabilidade pessoal é fundamental, na medida em que a revolução educacional em curso lida com um mundo em transformação rápida, no qual “subitamente, os diplomas não valem nada”. Ao invés de lamentar o desaparecimento de mundo hierárquico, Diamandis e Kotler argumentam que:

Ainda melhor é a mudança tecnológica que se aproxima. Ao contrário do modelo genérico que é nosso sistema educacional atual, a versão do amanhã que está chegando através dos computadores pessoais (ou dispositivos de computação pessoal como o smartphone) é um sistema descentralizado, personalizado e extremamente interativo. Descentralizado significa que o aprendizado não pode ser facilmente tolhido por governos autocráticos e está bem mais imune às reviravoltas socioeconômicas. Personalizado significa que pode ser ajustado às necessidades e ao estilo de aprendizado preferido de um

---

<sup>11</sup> “Each child has different intelligence, aptitudes, and interests. Therefore, the best choice of pace, timing, variety, and manner, and of the courses of instruction will differ widely from one child to another” (1999, p.07)

<sup>12</sup> Uma síntese dessas afinidades pode ser encontrada em BARROW, R. *Radical Education. A Critique of Freeschooling and Deschooling*. Ed. Routledge. London & New York, 2012.

indivíduo. Essas são duas melhorias significativas, mas muitos acham que é a interatividade que poderia trazer os maiores benefícios. Como explica Nicholas Negroponte, fundador do Media Lab do Massachusetts Institute of Technology (MIT) e da organização One Laptop Per Child (Um Laptop por Criança – OLPC) – cujo objetivo é colocar um laptop nas mãos de cada criança em idade escolar no mundo: “Epistemologistas de John Dewey a Paulo Freire e Seymour Papert concordam que você aprende fazendo. Daí decorre que, se você quer mais aprendizado, quer fazer mais coisas. Por isso a OLPC enfatiza as ferramentas de software para explorar e expressar, em vez da instrução. O amor é melhor mestre do que o dever” (2012, p. 36)

Neste livro há um espaço dedicado especificamente ao projeto da Singularity University. Os autores fazem uma retomada da tradição universitária, remontando-se às instituições medievais e passando por todas as “fases” da instituição. Em seu diagnóstico, a universidade não mudou muito desde o século XIX, de modo que é preciso perguntar-se se essas instituições são efetivamente adequadas para enfrentar os desafios do mundo tecnológico. Em seu entendimento a resposta é negativa. O mundo não precisa mais de universidades geradoras de pesquisas ultra-especializadas, “Lugares como o MIT, a Universidade de Stanford e o California Institute of Technology já dão conta de criar supergênios capazes de se destacar em seus nanonichos” (2012, p. 82). Trata-se, agora, de investir em instituições cujo ensino seja mais aplicado, voltado às demandas de um mercado em expansão e dedicado a estimular a criatividade, o risco, e o espírito empreendedor. A fundação da Singularity pretende atender essa demanda. Nesse sentido, Diamandis e Kotler nos apresentam o núcleo curricular da instituição que começou a operar em 2009 no Vale do Silício: biotecnologia e bioinformática, sistemas computacionais, redes e sensores, inteligência artificial, robótica, fabricação digital, medicina, e nanomateriais e nanotecnologia. Trata-se de áreas úteis, capazes de afetar bilhões de pessoas.

Dardot e Laval (2016), em sua crítica à essas novas disposições do *ethos* educacional, destacam que esse novo discurso de valorização do “risco” inerente à vida individual e coletiva faz pensar que o Estado é sempre nocivo à criatividade, à inovação e à realização pessoal. Como salienta M. Lewis (1999), todo o estilo de vida do Vale do Silício é baseado no antagonismo em relação ao mundo estável. As pessoas dessa indústria vital não buscam sossego ou sucesso, diz Lewis, mas se dispõem a viverem

desconfortavelmente, num ambiente de constante (e criativa) tensão. Outra obra fundadora, escrita por Lisa K. Solomon em parceria com E. Erthel, intitulada *Moments of Impact* (2014) e que está dedicada aos “ambiciosos líderes de todos os lugares que querem fazer a diferença”<sup>13</sup> é bastante clara em relação ao ponto que nos interessa. O título de sua introdução é, num vigoroso impulso sintético “as habilidades de liderança mais importantes eles não ensinam na Harvard Business School (e em nenhuma outra)”<sup>14</sup>. O livro, dedicado a melhorar as técnicas comunicativas das empresas, orienta-se pelo princípio de que “uma conversa estratégica não parece uma reunião regular ou uma sessão de brainstorming. Ela é seu próprio tipo: uma sessão interativa de solução de problemas estratégicos que envolve os participantes não apenas analiticamente, mas criativa e emocionalmente” (2014, p. 13).<sup>15</sup>

Voltando a Kurzweil, em *How to create a mind and the secret of human Thought*, encontramos uma síntese dessas ideias. “Inteligência pode ser definida como a capacidade de resolver problemas com recursos limitados, em que um recurso fundamental é o tempo” (2012, p. 135)<sup>16</sup>. Nosso pessimismo em relação ao futuro pode ser desativado pela chave-mestra da iniciativa individual, que cria e transforma exponencialmente as condições materiais e espirituais da existência. O otimismo de Kurzweil, - tão bem afinado com discursos finisseculares como os de Francis Fukuyama (1992) – é a principal ferramenta mental dos novos forjadores do mundo: jovens, emancipados da burocracia, atentos à dinâmica tecnológica e, sobretudo, afeiçoados a ideia de risco. A busca por comunidades receptivas à essa visão de mundo culminou, em 2018, na vinda da Singularity para São Paulo. Essa é a questão que se coloca a partir de agora: quais afinidades prévias entre o projeto de Dimandis e Kurzweil tornaram São Paulo uma cidade atrativa para o projeto? Quais os desdobramentos dessa vinda para o campo intelectual da cidade?

### **Do Vale do Silício ao Butantã**

---

<sup>13</sup> “ambitious leaders everywhere who want to make a difference”,

<sup>14</sup> “the most importante leadership skill they don’t teach at Harvard business School (or anywhere else)”

<sup>15</sup> “A strategic conversation doesn’t feel like a regular meeting or a brainstorming session. It is its own distinct type: an interactive strategic problem-solving session that engages participants not just analytically but creatively and emotionally” (2014, p. 13).

<sup>16</sup> Intelligence may be defined as the ability to solve problems with limited resources, in which a key such resource is time” (2012, p. 135).

Em 24 de novembro de 2019, o site oficial do governo de São Paulo anunciou a parceria firmada pelo governador João Dória que trará a Singularity para São Paulo. Segundo consta, “Ainda no início de 2020, será implantado um campus da Singularity University no Centro Internacional de Tecnologia e Inovação (Citi), o vale do silício brasileiro. O Centro fica onde atualmente é o Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT), na capital paulista. A expectativa é que o local esteja em plena atividade já em junho de 2020”. Na ocasião, o governador afirmou que “Esta universidade, que ajudou a revolucionar o conceito do ensino, da ciência e da tecnologia nos Estados Unidos e depois no mundo, agora vai para o Brasil, para São Paulo”.<sup>17</sup>

O “vale do Silício” está suficientemente impregnado no imaginário contemporâneo para que este artigo possa tratá-lo como um lugar simbólico, mais do que como um lugar geográfico. Seguindo a pista de Castells e Hall (1994), o Vale do Silício pode ser considerado o protótipo de uma nova configuração sociocultural que se baseia em centros, mais ou menos planejados, de promoção da economia informacional, à qual os autores chamam de “Tecnopolis”. No encontro entre três grandes processos, a saber, a revolução tecnológica, a economia global e prevalência informacional da geração de valor, os autores identificam a emergência de uma cultura do Vale do Silício, baseada em “um modelo heróico de inovação a serviço do crescimento econômico dinâmico... o epítome popular da cultura empreendedora, o lugar onde novas ideias nascidas em uma garagem podem transformar adolescentes em milionários, enquanto mudam a maneira como pensamos, vivemos e trabalhamos” (CASTELLS e HALL, 1994, p. 12).<sup>18</sup> Amparada pela Stanford University, o local se tornou, ainda nos anos 1960, um polo de concentração de engenheiros, empreendedores, aficionados por tecnologia e empresas de software, muitas delas oriundas do que talvez seja a instituição principal dessa sociabilidade: as “garagens” da região, símbolos de um investimento de risco que se faz, a rigor, apostando na ideia de que a criatividade e o sucesso não precisam de

---

<sup>17</sup> A reportagem completa pode ser encontrada em <https://www.sopesp.com.br/2019/11/25/sao-paulo-tera-universidade-do-vale-do-silicio-em-area-da-ceagesp/>. Acessado em 7 de setembro de 2020.

<sup>18</sup> “an heroic model of innovation in the service of dynamic economic growth... the popular epitome of entrepreneurial culture, the place where new ideas born in a garage can make teenagers into millionaires, while changing the ways we think, we live, and we work” (1994, p. 12).



grandes estruturas físicas<sup>19</sup>. Após a revolução do computador pessoal, nos anos 1970,<sup>20</sup> o volume de investimento financeiro que já vinha aumentando desde os anos 1960, com o afluxo de tecnologia militar na guerra fria, possibilita o incremento que os autores classificam como o grande diferencial da cultura do vale, os “networks”

Eles foram simultaneamente canais de comunicação da inovação tecnológica, formas de organização do mercado de trabalho e base material para a formação de uma cultura que enfatizasse os valores da excelência tecnológica e do empreendedorismo de livre mercado, ao mesmo tempo em que serviam para transmitir os modelos do Valley: os jovens engenheiros brilhantes que alcançaram riqueza e fama por meio de conhecimento técnico e irreverência social (CASTELLS e HALLS, 1994, p. 18).<sup>21</sup>

Considerando, portanto, a imbricação entre certa cultura tecnológica e o *network* gerado a partir da universidade, não é trivial que São Paulo tenha sido escolhida para sediar a Singularity no Brasil. Segundo o portfólio institucional de divulgação da vinda da SSP para o país, consta a seguinte justificativa: “Ao analisar as principais lacunas (educação, saúde, segurança pública e infraestrutura) e as principais oportunidades (alimentação, energia, meio ambiente e finanças), a SingularityU Brazil encontrou o seu propósito: ajudar o país a saltar para o mundo exponencial, e contribuir ainda mais com o empoderamento dos líderes”.<sup>22</sup>

O formato das atividades oferecidas pelo empreendimento é descrito com o termo “summit”. Trata-se de um conjunto de eventos (palestras,

---

<sup>19</sup> Sobre a “cultura de garagem” do Vale do Silício, Elsa Davidson pontua que “Não mais apenas a província de engenheiros quietos e nerds ardendo com intensidade por inovação tecnológica, a cultura corporativa do Vale do Silício se reinventou durante o boom tecnológico do final dos anos 1990, tornando-se mais jovem, mais rica e hipercompetitiva – uma “mistura cultural” de risco - pessoas inclinadas a jogar no mercado em um “crack high”, com Po Bronson (1999) escreveu na época” (DAVIDSON, 2011, p. 04) “No longer simply the province of quiet, geeky engineers burning with intensity for technological innovation, the corporate culture of Silicon Valley reinvented itself during the tech boom of the late 1990s, becoming younger, wealthier, and hypercompetitive—a “culture mash” of risk-inclined people playing a market on a “crack high,” Po Bronson (1999) wrote at the time” (DAVIDSON, 2011, p. 04)

<sup>20</sup> Sobre o crescimento do Vale do Silício a partir dos anos 1970 do ponto de vista de um entusiasta, é possível consultar KAPLAN, J. Startup, uma aventura no Vale do Silício, 1998.

<sup>21</sup> They were simultaneously channels of communication of technological innovation, forms of organization of the job market, and the material basis for the formation of a culture that emphasized the values of technological excellence and free-market entrepreneurialism, while serving to transmit the role models of the Valley: the brilliant young engineers who achieved wealth and fame through technical expertise and social irreverence (CASTELLS e HALLS, 1994, p. 18).

<sup>22</sup> Essas e outras informações podem ser consultadas no site oficial da instituição: <https://www.singularityubrazil.com>. Acessado em 6 de setembro de 2020.

reuniões entre diversos “players” e eventualmente mentorias individualizadas) geralmente estruturados em programas de 1 ou 2 dias e dedicados, sobretudo, a empresas que desejam conhecer os mecanismos da tecnologia exponencial e contribuir para a formação de “líderes”. Nesse sentido, retomo a pressuposição de Illich, de que a educação depende menos de instituições rígidas e mais da participação em “situações significativas”.<sup>23</sup>

O “corpo de experts” da Singularity São Paulo, é composto, em sua maioria, por jovens egressos de instituições de ensino prestigiosas e/ou empresários. O portfólio digital apresenta, como parte integrante de seus quadros docentes, nomes como Alexandre Nascimento, empresário no Vale do Silício e pesquisador na Universidade de Stanford, na área de Computação Quântica e Inteligência Artificial; Carla Tieppo, neurocientista e doutora pela Universidade de São Paulo; Eduardo Ibrahim, especialista em Economia Exponencial e executivo do Vale do Silício; Guilherme Horn, empreendedor serial, fundador de Startups e doutor pela UMSA; Leandro Mattos, neurocientista e CEO na CogniSigns, descrito como “especialista multidisciplinar acadêmico”; Peter Cabral, cientista político com pós-graduação em Marketing, dedicado ao tema da mobilidade digital, inovação corporativa e cidades inteligentes, apresentado como “Executivo, Palestrante, Business Coach, Empreendedor, Advisor de Startups de Mobilidade, tecnologias disruptivas, Big Data e AI”; Ricardo Cavallini, “Apontado como um dos 3 inovadores com foco em negócios em levantamento do veículo Meio & Mensagem. Um dos apresentadores do Batalha Makers, reality show sobre a cultura maker no Discovery Channel (Brasil e Latam)” e Ricardo Justus, dedicado ao tema da Realidade Virtual, cofundador e CEP da Arvore, um “estúdio de storytelling imersivo”.<sup>24</sup>

Quando observamos o quadro de experts da singularity do Vale do Silício, vemos que o padrão é parecido. Peter Diamandis é apresentado, no website da instituição, como Founder & Executive Chairman of the XPRIZE Foundation,

---

<sup>23</sup> Uma possibilidade de compreender a cultura das “situações significativas” aplicadas ao universo empresarial pode ser encontrada, também, numa análise da dinâmica dos TED Talks, tema a ser desenvolvido em um próximo artigo. Sobre isso é possível consultar o livro de Barbara Ehrenheit *BRIGHT-SIDED How the Relentless Promotion of Positive Thinking Has Undermined America*, 2009.

<sup>24</sup> Os nomes e as descrições constam no portfólio digital da Singularity, no endereço: <https://www.singularityubrazil.com/experts/>. Acessado em 6 de setembro de 2020.

além de autor de best-sellers como “Abundance”. Lisa Kay Solomon, especialista em designer de inovação com foco no treinamento de lideranças, é apresentada como “o catedrático de Práticas Transformacionais e Liderança da Singularity University, uma comunidade global de líderes inteligentes, apaixonados e orientados para a ação que desejam usar tecnologias exponenciais para impactar positivamente o mundo”.<sup>25</sup> Pascal Finette – ou “l’*enfant terrible*” do grupo, é apresentado como um “radical”, *Singularity University’s Chair for Entrepreneurship & Open Innovation*. Além deles, o próprio Ray Kurzweil é um importante atrativo do grupo de experts, descrito como “um dos principais inventores, pensadores e futuristas do mundo, com um histórico de trinta anos de previsões precisas”,<sup>26</sup> selecionado pela PBS como um dos “dezesesseis revolucionários que fizeram a América”.<sup>27</sup>

Tanto no caso da Singularity da Califórnia quanto de sua filial paulista, parecem persistir algumas regularidades na composição do recrutamento. Para além da composição híbrida entre egressos de instituições prestigiosas de ensino superior com “nomes do mercado”, chama a atenção a juventude e o gênero masculino da maior parte dos componentes. Apesar de que em 3 casos (Nascimento, Tieppo e Horn), a formação acadêmica conste no portfólio institucional, o primeiro plano da consagração parece ser, efetivamente, a participação em empreendimentos de sucesso no ramo de tecnologia. Esse sistema classificatório, oferecido pela própria empresa, ajuda a compreender as marcas distintivas em operação na composição do quadro de funcionários. Antagônica à lógica de recrutamento docente do Ensino Superior tradicional (para o qual as marcas mundanas de sucesso têm bem menos impacto do que a titulação formal, ao menos oficialmente), a descrição dos atributos dos experts está em comunhão com os valores do público de destino e, sobretudo, com o *ethos* que se pretende ostentar. Mais próximos da estrutura de um thinktank do que de uma universidade, portanto, a Singularity oferece uma rede de especialistas práticos, identidade institucional que nos leva, mais uma vez, à emancipação em relação ao ensino formal que embasa o nascimento e

---

<sup>25</sup> “the Chair of Transformational Practices and Leadership at Singularity University a global community of smart, passionate, action-oriented leaders who want to use exponential technologies to positively impact the world”.

<sup>26</sup> “one of the world’s leading inventors, thinkers, and futurists, with a thirty-year track record of accurate predictions.

<sup>27</sup> Os nomes e as descrições constam no site oficial da Singularity University, no endereço: <https://su.org/summits/>. Acessado em 6 de setembro de 2020.

prevalência do gênio – ou do “líder” – no *ethos* do universo tecnológico que irradia das montanhas de Palo Alto. Finalmente, destaco que o portfólio digital da Singularity Brazil enfatiza frequentemente a contribuição de especialistas americanos nos cursos oferecidos no Brasil, de modo a consolidar uma afinidade que chancela dispositivos de circulação do prestígio entre os dois países.

O fato de que São Paulo tenha sido escolhida como sede, com o apoio do governador do Estado, ajuda a matizar as reflexões de Alatas (2003) Alger e Lions (1974), Boltanski (1975), Bourdieu (2002), Collins (2001) e Sapiro (2013) sobre as dinâmicas de circulação do conhecimento a partir da história do campo universitário em questão: basta uma análise da própria formação da elite intelectual paulista para que fique evidente que, diferentemente de outros polos como o Rio de Janeiro, a universidade paulista esteve desde sempre permeada por uma atmosfera para-estatal. Referindo-se à fundação da USP, ainda em 1932, Miceli (1995, 2001) registra que em São Paulo o apego científico tinha mais vigor do que em outros centros, já que estavam apartados dos centros clássicos de formação da elite política, no caso o Rio de Janeiro. Na mesma linha, Limongi (in MICELI, 1995, 2001) apresenta de que modo os fundadores da USP estiveram alinhados com a ideia de construção de uma elite ilustrada e técnica, organizada a partir da ideia de progresso e desenvolvimento regional de São Paulo. Quero sugerir que, ainda que a partir de critérios distintos dos da Singularity, a cultura acadêmica paulista de modo geral esteve desde sempre mais aberta à projetos que se denominam puramente “técnicos”, enquanto outros centros, como o Rio de Janeiro ou Brasília, organizaram suas instituições acadêmicas e culturais a partir de uma posição mais politizada. A fundação da UNICAMP, em 1969, e da UNESP, em 1976, também obedeceram à pressupostos semelhantes. Organizadas a partir da confluência entre a ideologia profissionalizante do regime militar e as demandas pela implantação de políticas públicas de desenvolvimento econômico, elas se consolidam a partir da validação política do papel da ciência naquele contexto. Tidas como centros de “excelência”, a posição de dominância que elas exercem no contexto brasileiro e, em alguma medida, latino-americano, ajuda a entender os comércios de prestígio que se estabelecem entre elas e que não são

medidos unicamente por *rankings* mas, também, pela *atitude* que ajudam a legitimar enquanto ocupam posições de dominância.

Para compreender a implicação dessa cultura científica paulista na recepção de projetos como os da Singularity, seria preciso nos perguntarmos sobre em que medida ela se relaciona com o amadurecimento das posições possíveis no universo intelectual do Estado. Nesse sentido, não apenas as instituições em si, mas também o universo de posições tensionais que se encontra entre a universidade, a política e o campo econômico, são componentes dessa configuração. Vale a pena, portanto, aventar a hipótese de uma compatibilidade de *ethos* entre a autoimagem do campo científico paulista e os pressupostos organizacionais da Singularity. Como toda relação de homologia, não se esgota em afinidades teóricas ou em concordâncias somente organizacionais, mas comunica-se com uma instância mais fundamental, aquela dos sistemas de disposições duráveis aos quais se refere Pierre Bourdieu (1975), que pode ser condensada na tese de que os eleitos elegem o sistema de eleições que o elegeram e a partir do qual julga-se, sob véu acadêmico, uma disposição global.

### **Considerações finais: um novo *habitus* para uma nova mitologia**

O *habitus*, recorrendo a Bourdieu (2008), é um cimento social poderoso em iniciativas educacionais. Elsa Davidson (2011) em pesquisa sobre como a mitologia do Vale do silício impacta nos posicionamentos e desejos de carreira de estudantes de duas escolas da região, nos ajuda a visualizar a consolidação de um *habitus* específico na mitologia do Vale do Silício:

O surgimento, no Vale do Silício, durante o final da década de 1990, de uma agenda cívica em torno da “divisão digital” local, um brilho para as lacunas na realização educacional e profissional, bem como no acesso tecnológico ao longo das divisões de raça, etnia e renda, ofereceu um exemplo vívido de uma espécie de processo civilizatório tecno-empresarial, que ressoava como um estilo idealizado de classe média. Focados em cultivar as habilidades e valores dos jovens em particular, bem como seu acesso à tecnologia e redes sociais tecnológicas, iniciativas e discursos focados na exclusão digital local articularam uma maneira específica de fazer negócios, organizar a sociedade e se conduzir a nível pessoal. Escolas regionais e outros locais de reprodução social, como programas pós-escolares orientados para a força de trabalho e agendas para superar a exclusão digital,

muitas vezes evocavam a mitologia do Vale do Silício e de um sujeito tecno-empresendedor idealizado para fins pedagógicos, o tecno-empresendedor ou trabalhador de tecnologia altamente qualificado servindo como modelo de autoconduta e sucesso pessoal. Implicitamente, tal modelagem e ênfase em habilidades, conhecimentos e valores tecno-empresendadores marcaram como “outros” aqueles que carecem do “capital social” adequado (2011, p. 11-12).<sup>28</sup>

No encontro entre as reflexões de Mills (1981), Bourdieu (2008) e Davidson (2011), o caso da Singularity ajuda a dimensionar essa relação tensional entre sistema de ensino e sociedade, sobretudo no que diz respeito à generalização de determinado conjunto de expectativas e atitudes que compõe a “cultura científica”. A proximidade da Singularity com o campo do poder, que beira a simbiose, também contribui para que se corrobore, tanto na Califórnia como em São Paulo, uma afinidade entre o sucesso econômico, a crítica das instituições tradicionais e a ética do empreendedorismo. Antes da Singularity, diversas iniciativas têm sido feitas no Brasil em torno dessa tríade, sobretudo no ensino básico. Não é incomum que a formação “bacharelesca” das universidades, especialmente dos cursos de Humanidades, seja questionada pela opinião pública informada por esses debates. Essa tensão é visível, por exemplo, a partir da importação de determinadas linguagens – tudo se passa como se não importasse o que fazemos dentro da universidade, desde que o façamos a partir de critérios de “excelência” familiares ao discurso empreendedor – destaca por Collini (2017). Em outros termos, não é trivial a relação entre o aparecimento de novos modelos educacionais e o campo de valores que emerge do *ethos* das últimas décadas. Há um poderoso imaginário que as unifica, a saber, a crítica da burocracia através do elogio da ideia de “personalidade”, equação sintetizada na fórmula: menos educação formal e mais espontaneidade.

---

<sup>28</sup> The emergence in Silicon Valley during the late 1990s of a civic agenda around the local “digital divide,” a gloss for gaps in educational and professional achievement as well as in technological access along lines of race, ethnicity, and income, offered a vivid example of a kind of techno-entrepreneurial civilizing process, one that resonated with an idealized middle-class style. Focused on cultivating the skills and values of youth in particular, as well as their access to technology and technological social networks, initiatives and discourse focused on the local digital divide articulated a preferred way of doing business, organizing society, and conducting oneself. Located schools and other sites of social reproduction, such as workforce oriented after-school programs, agendas to bridge the digital divide often evoked Silicon Valley mythology and an idealized techno-entrepreneurial subject for pedagogical purposes, the techno-entrepreneur or highly skilled tech worker serving as a model of self-conduct and personal success. Implicitly, such modeling and emphasis on techno-entrepreneurial skills, knowledge, and values marked as “other” those lacking the right “social capital.” (2011, p. 11-12).

Como salienta Will Schutz (1994), sintetizador do *ethos* singularitiano, a pessoa é o conceito central do discurso da educação empreendedora. Em seu incurso autobiográfico, Schutz nos conta que passou por grandes universidades como Harvard e Berkeley e, apesar de ter obtido muito sucesso como cientista, ele sentia que “algo estava errado”: “Embora eu adorasse a sala de aula e o processo de ensino, nunca me senti totalmente adequado. Eu me senti falso. Atribuí às minhas aulas o segundo melhor livro da área, enquanto lia o melhor livro e dava aulas a partir dele. Eu não sentia que sabia nada por experiência própria” (1994, p. 03)<sup>29</sup>. Num encontro promissor entre certo discurso *flower power* com a mais vanguardista orientação tecnológica, essa posição consegue angariar adeptos dos mais distintos pontos do espectro político e cultural. O empreendedorismo aparece, nesse encontro, como um despertar individual, como um ativador da força interior que todos possuem, em oposição à tradição encabeçada por Schumpeter para quem o empreendedorismo era uma qualidade de pessoas extraordinárias (MARTES, 2010). Quem poderia ser, afinal, contra o empoderamento de si e o triunfo de uma identidade essencial do indivíduo, sempre idêntica a si mesma e dedicada a sanar problemas como o acesso à água e à alimentação de qualidade?

Boltanski e Chiapelo oferecem uma pista a partir do estudo dos *managements discourses* dos anos 1990, nos quais percebem uma importante mudança no “ethos” do universo empresarial. Em 1960, eles afirmam, os temas centrais para a organização psicológica do mundo do trabalho eram centralização, burocracia e administração. Em 1990, dá-se precisamente o oposto: ganha prevalência a crítica da burocracia e da centralização, logo convertida em poderosos slogans como “tenha um parceiro não um chefe” (2005, p. 74). Desse cenário, afirmam os autores, emergem figuras importantes como o “líder” e o “coach”, funcionários do autoconhecimento e, com isso, do autocontrole. Critica-se a burocracia como forma antiquada de pensar e agir no mundo, reintroduzindo assim uma ideia de “personalidade” que não se adquire por treino formal ou por escala burocrática, mas pela ativação de “algo mais”, interiorizado, que

---

<sup>29</sup> “Although I loved the classroom and the teaching process, I never felt fully adequate. I felt phony. I assigned my classes the second-best book in the field while I read ahead in the best book and lectured from it. I did not feel I knew anything from my own experience” (1994, p. 03).

depende apenas da motivação subjetiva do “colaborador”. Esse conjunto de valores é baseado na ideia de “risco”, opõe-se ao comportamento burocratizado e seguro que caracterizava as escolhas de carreira em meados do século XX. Quando levamos esse raciocínio para o tema do sistema de ensino, sobretudo universitário, podemos encontrar Bourdieu (2010) nos lembrando de que o *risco* é uma estratégia educacional que cai bem a certas frações de classe. Nem todos podem optar por uma formação de risco, criativa ou “fora da caixa” como se diz hoje em dia, mas a necessidade de que assim seja, a partir da implosão da “jaula de ferro da burocracia” atinge igualmente a todos os estratos sociais. O efeito disso é a generalização de certo discurso de competitividade baseado na ideia de reativação da “personalidade”, personalidade essa que, em tese, estaria para além da formação tradicional ou escolar, incidindo na própria vontade (logo convertida em medida de mérito) do indivíduo. Se o profissional valorizado é, hoje, aquele que investe sua em sua personalidade, e não o estudioso livresco, ficamos em melhores condições de entender de que modo a ideia de “habilidades” e de “experiências de vida” se tornaram mais fundamentais, em termos de recrutamento intelectual, do que a própria ideia de “conhecimento” no sentido clássico do termo.

A imagem do cientista, louvada durante parte importante da modernidade como modelo de neutralidade e empenho quase estoico pela busca da verdade, não apenas parece cair em desuso frente ao imperativo da “personalidade” como, também, ajuda a entender de que modo o empreendedorismo que a Singularity promove não se restringe aos seus cursos de verão dedicados a empresários, mas perpassa as próprias hierarquias acadêmicas tradicionais. O empreendedorismo funciona, nesse sentido, como um regulador moral, que já está suficientemente naturalizado de modo a não precisar mais de uma justificativa pontual. À esquerda e à direita, a ideia de que o sujeito deve retomar o protagonismo sobre sua narrativa, sob a chave mestra da vivência pessoal e intransferível, parece desalojar, ao menos no imaginário público em relação à universidade, a figura “clássica” do professor e do cientista. Há algo mais profundamente romântico do que, na linguagem da Singularity, fazer convergir a essência do indivíduo, sua personalidade única e intransferível, com o bem comum? Quais as chances o *ethos* científico mais robusto tem de fazer frente a um



discurso que mobiliza o empoderamento do indivíduo diante de uma castradora estrutura burocrática que é, além de tudo, profundamente desigual? Como não simpatizar com um conjunto de profecias otimistas, amparadas pelo desenvolvimento tecnológico e feitas em linguagem comum? Como, enfim, protestar contra o carisma?

## Referências

ALATAS, s. f. Academic Dependency and the global division labour in the social sciences. **Current Sociology**. vol. 51, n. 6, 2003, pp. 599-613.

ALGER, C. F.; LYONS, G. Social Science as a transnational system. **Social Science Journal**, 1974, v. 26, pp. 137-149.

BARCAN, R. **Academic Life and Labour in the New University**. Hope and Other Choices. London: Routledge, 2016.

BARROW, R. **Radical Education**. A Critique of Freeschooling and Deschooling. London & New York: Ed. Routledge, 2012.

BOLTANSKI, L.; CHIAPELLO, E. **The new spirit of capitalism**. London: Ed. Verso, 2005.

BOURDIEU, P. **A distinção**. Uma crítica social da faculdade do juízo. Trad. Pedro Durte. Lisboa: Ed. 70, 2010.

BOURDIEU, P. As condições sociais da circulação internacional das ideias. Trad. Fernanda Abreu. **Revista Enfoques**. Rio de Janeiro. v. 1, n. 1, 2002. pp. IV-117.

BOURDIEU, P. **Homo Academicus**. Buenos Aires: Ed. Siglo XXI, 2008.

BURROWS, R. Living with the h-index? Metric assemblages in the contemporary academy. **The Sociological Review**, 2012, vol. 60, pp. 355-372.

CASTELLS, M.; HALL, P. **Technopoles of the World: The making of twenty-first-century industrial complexes**. New York: Ed. Routledge, 1994.

COLLINI, S. **Speaking of Universities**. London: Ed. Verso, 2017.

DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo**. São Paulo: Ed. Boitempo, 2016.

DAVIDSON, E. **The Burdens of Aspiration: Schools, Youth, and Success in the Divided Social Worlds of Silicon Valley**. New York: New York University Press, 2011.

DAVIES, B.; BANSEL, P. The time of their lives? Academic workers in neoliberal time(s). **Health Sociology Review**. vol 14, 2005, Issue 1.

DIAMANDIS, P.; KOTLER, S. **Abundância: o futuro é melhor do que você imagina**. São Paulo, HSM Ed., 2012.

DONOGHUE, F. **The Last Professors**. The Twilight of the Humanities in the Corporate University. New York: Fordham University Press, 2008.

EHRENHEIT, B. **Bright-sided**. How the Relentless Promotion of Positive Thinking Has Undermined America. New York: Metropolitan Books, 2009.

CAPUTO, V. Singularity University prevê como o mundo será em 2038: "irreconhecível". **Época Negócios**, 20 Ago 2018. Disponível em <https://epocanegocios.globo.com/>

ERTEL, C.; SOLOMON, L. **Moments of impact**: how to design strategic conversations that accelerate change. New York: Simon & Schuster, 2014.

FUKUYAMA, F. **The end of History and the last man**. New York: Free Press, 1992.

GIROUX, H. Neoliberalism, Corporate Culture, and the Promise of Higher Education: The University as a Democratic Public Sphere. **Harvard Educational Review**, 2002, vol. 72 (4), pp. 425–464.

HAUCK, J. C. R. What are 'Think Tanks'? Revisiting the Dilemma of the Definition. **Bras. Political Sci. Rev.**, vol. 11, n. 2, São Paulo, 2017, Epub, July 27, 2017.

HAYEK, F. **O caminho da servidão**. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2010.

HEILBRON, J.; GUILHOT, N.; JEAN-PIERRE, L. Vers une histoire transnationale des sciences sociales. **Sociétés Contemporaines**, 1, vol. 73, 2009.

HOSFTADTER, R. **Anti-Intellectualism in American Life**. New York: Random House Publishing Group, 2012.

ILLICH, I. **Sociedade sem Escolas**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1985.

ITO, L.; SECCHI, L. Think tanks e universidades no Brasil: Análise das relações na política de conhecimento em política pública. **Revista do IPEA**. Planejamento e políticas públicas, n. 46, jan./jun. 2016, pp. 333-354.

KAPLAN, J. **Startup, uma aventura no Vale do Silício**. São Paulo: Cultura Editores Associados, 1998.

KURZWEIL, R. **A singularidade está próxima**. Quando os humanos transcendem a biologia. São Paulo: Itaú Cultural / Illuminurias, 2018.

KURZWEIL, R. **How to create a mind**. New York/Victoria: Viking Penguin Group, 2012.

LEWIS, M. **The New New Thing: A Silicon Valley Story**. New York: Norton & Company, 2000.

LORENZ, C. Fixing the Facts. The Rise of New Public Management, the Metrification of "Quality" and the Fall of the Academic Professions. **Moving the Social**, vol. 52, 2014, pp. 5-26.

MARTES, A. C. B. Weber e Schumpeter. A ação econômica do empreendedor. **Revista de Economia Política**, vol. 30, n. 2, pp. 254-270, abril-junho/2010.

- MICELI, S. (org). **História das ciências sociais no Brasil**. v. 2. São Paulo: Ed. Sumaré, 1995.
- MICELI, S. (org.) **História das ciências sociais no Brasil**, v. 1. São Paulo: Ed. Sumaré, 2001.
- MICHETTI, M. Atualizações da “boa vontade cultural”. **Revista Estudos de Sociologia**, Araraquara, v. 24, n. 46, pp. 65-88, jan.-jun, 2019.
- MILLS, W. **A elite do poder**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1981.
- MISES, V. **The anticapitalistic mentality**. South Holland, IL: Libertarian Press, 1972.
- MIROWSKI, P.; PLEHWE, D. **The road from Mont Pèlerin**: The making of the neoliberal thought collective. Cambridge: Harvard University Press, 2009.
- ONOFRE, G. **O papel dos intelectuais e Thinktanks na propagação do liberalismo econômico na segunda metade do século XX**. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em História da UFF, Niterói, 2018.
- POWER, M. **The Audit Society**. Rituals of verification. Oxford: Oxford University Press, 1997.
- READINGS, B. **The university in ruins**. Cambridge: Harvard University Press, 1996.
- ROTHBARD, M. **Education**: free and compulsory. Alabama: Ludwig von Mises Institute. Auburn, 1999.
- RUDIGER, F. **Literatura de auto ajuda e individualismo**. Porto Alegre: UFRGS, 1996.
- SAPIRO, G. Le champ est-il national ? La théorie de la différenciation sociale au prisme de l'histoire globale. **Actes de la recherche**, mai. 2013, n. 200, pp. 70-85.
- SCHUTZ, W. **The human element**: productivity, self-esteem, and the bottom line. São Francisco. Library of The Congress, 1994.
- SHARON, B. Neoliberal thinktanks and free Market environmentalism. **Journal of Environmental Politics**. vol. 10, n. 2, pp. 128, 2001.
- SMITH, J. **The idea brokers**. Think Tanks and the raise of the New Policy Elite. New York: Free Press, 1991.
- SPARKERS, A. Embodiment, academics, and the audit culture: a story seeking consideration. **Qualitative Research**, vol. 7, nov. 2017, Toronto, pp. 521-550.
- STAHL, J. **Right Moves**. The Conservative Think Tank in American Political Culture since 1945. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2016.
- STONE, B. **The upstairs**. Como a UBER, o Airbnb e as killer companies do novo Vale do Silício estão mudando o mundo. Rio de Janeiro: Ed. Intrínseca, 2017.
- THIEL, P. **De Zero a Um**. O que aprender sobre empreendedorismo com o Vale do Silício. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2014.